

PERMANÊNCIA E ERRÂNCIA DAS PALAVRAS DO AÇÚCAR: A FORMA *TRAPICHE*

Naidea Nunes
Universidade da Madeira

As palavras do açúcar foram transplantadas, juntamente com as técnicas do cultivo da cana e do fabrico de açúcar, do Mediterrâneo, nomeadamente da Sicília e da Península Ibérica (Valência e Granada), para a ilha da Madeira. Daqui, a planta da cana-de-açúcar e, conseqüentemente, a terminologia da cultura açucareira foi levada pelos madeirenses para Canárias, Cabo Verde, S. Tomé, Brasil e, indirectamente, através de Canárias, para a América Espanhola. Nestes novos espaços açucareiros, as antigas palavras do açúcar juntaram-se a outros termos, referentes a novas realidades e evoluções técnicas, e ganharam novos significados. A grande produção açucareira americana conduziu ao quase total desaparecimento desta produção, nos anteriores espaços açucareiros, mas as palavras do açúcar permaneceram na onomástica (principalmente na toponímia) dessas regiões.

O termo *trapiche* é um bom exemplo de permanência e errância, no Mediterrâneo e no Atlântico, da terminologia açucareira, como nos mostra a história desta palavra.

A palavra *trapiche* no Mediterrâneo

A palavra *trapiche* de origem greco-latina (do grego *trapeton* que passou para o latim com a forma *trapetum*) significava, primitivamente, moinho de azeite, surgindo com este significado em autores latinos. O desenvolvimento da cultura açucareira, nos espaços românicos do Mediterrâneo, levou à transferência da técnica do moinho de azeite para o moinho de açúcar, fazendo com que o termo *trapiche* adquirisse este novo significado.

Na Sicília, durante o domínio árabe, o moinho de açúcar era designado *masara*. Este termo árabe, depois da conquista normanda da ilha, passou a designar apenas o moinho de azeite e o termo greco-latino *trapeto* generalizou-se para nomear o moinho de açúcar. Como nos dizem Barceló e Labarta¹, durante toda a Baixa Idade Média, o moinho de açúcar, na Sicília, denominou-se *trapetum*. Segundo os mesmos autores, este termo teria passado do siciliano para o catalão com aquele significado técnico². Barceló e Labarta indicam a primeira atestação deste termo, em Valência, com a data de 1417, na forma *trapig*: «*trapig de les canyes mels*». Esta forma teria resultado da adaptação fonética e gráfica da pronúncia siciliana ao catalão e o termo *trapig* teria, possivelmente, passado do

¹ Cf. BARCELÓ, C. e LABARTA, A. "La industria azucarera en el litoral valenciano y su léxico (siglos XV-XVI)". *Actas del Seminario Internacional la caña de azúcar en el Mediterráneo*. Motril, Casa de la Palma, 1990: 81.

² Cf. Idem, *ibidem*, p. 82.

catalão para o castelhano, adquirindo a forma *trapiche* (atestada em Almunecar, em 1516) com a alteração *-ich* por influência do moçárabe. No entanto, Corominas³ defende que a indústria valenciana do açúcar não teria origem siciliana mas árabe, uma vez que, nos trapiches valencianos, encontramos muitos árabes e não cristãos. Segundo Corominas, existem razões histórico-linguísticas que indicam que a forma siciliana *trappitu* não teria surgido directamente do latim *trapetum*, mas do moçárabe *trapit*. Assim, este termo não teria passado da Sicília para Valência mas sim de Valência para a Sicília, uma vez que esta ilha esteve sob o domínio catalão, havendo um intercâmbio de técnicas e palavras entre as duas regiões açucareiras.

A palavra *trapiche* designava o moinho de açúcar movido por animais de carga, enquanto o termo *engenho* (predominante a partir do século XVI) designava as fábricas açucareiras movidas a água. Quanto à palavra *masara*, passou do árabe para o léxico técnico espanhol com a forma *almazara*, resultante da aglutinação do artigo definido árabe *al-* à palavra *masara*, para denominar o moinho de azeite.

Apesar da produção açucareira ter desaparecido da Sicília, no século XVII (devido à concorrência do açúcar do Atlântico), os termos *Masara* e *Trappeto* permaneceram, na onomástica siciliana, sobretudo como topónimos.

A palavra *Trapiche* no Atlântico: ilha da Madeira

A palavra *trapiche*, para designar o moinho de açúcar movido por animais, teria, possivelmente, chegado à ilha da Madeira, através dos castelhanos (comerciantes do açúcar), uma vez que apresenta a terminação *-ich*.

Na documentação primitiva madeirense (séculos XV e XVI), a palavra *trapiche* surge com a forma *trapicha de bestas*, atestada em 1468: «Em cada hum anno çerto foro remda e pensam das alçapremas e emgenhos daugua de fazer açuquar e de trapichas de bestas...», «...nam serem tehudos nem obrigados de pagarem cousa alguua ao dito capitam por razom das ditas alçapremas e emgenhos daugua de fazer açuquar e de trapichas de bestas.», «...por rezam de alguua remda foro ou trabuto das ditas alçapremas e emgenhos daugua de fazer açuquar e de trapichas de bestas.»⁴. Esta forma surge numa enumeração de moinhos de cana-de-açúcar movidos por diferentes forças motrizes: *alçaprema* ou prensa manual, *engenho de água* e *trapichas de bestas* ou moinhos movidos por animais. Apenas a designação *engenho de água* surge com a especificação *de fazer açúcar*, distinguindo-se dos engenhos de água de moer cereais.

Apesar de, na documentação da Madeira, não encontrarmos o termo árabe *almazarra* ou *almanjarra*, este teria, provavelmente, existido na ilha para designar o pau puxado pelos animais para movimentar os moinhos ou trapiches. Nos Açores, o termo *almazarra* ainda existe para designar o pau das atafos

³ Cf. COROMINES, Joan. *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*, vol. viii, Curial Edicions Catalanes, Barcelona, 1992: 775-776.

⁴ Cf. "Tombo Primeiro do Registo Geral da Câmara Municipal do Funchal", *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. XV, doc. nº 16, de 17 de Agosto de 1468: 44-45.

nas ou moinhos de moer trigo e milho. Em contrapartida, na documentação primitiva da Madeira, registámos o termo românico *alçaprema* (de *alteare* > *alçar* + *premere*), designando uma prensa manual de espremer canas. Não encontramos a palavra *alçaprema* como termo da indústria açucareira, no Mediterrâneo, o que nos leva a supor tratar-se de um termo que terá surgido na ilha da Madeira, e não registámos este termo nos espaços atlânticos que receberam a indústria do açúcar da ilha da Madeira, provavelmente, por representar uma tecnologia rudimentar do início da produção açucareira madeirense.

Fernando Augusto da Silva⁵, ao falar dos primitivos moinhos de espremer cana-de-açúcar na Madeira, não refere o termo *trapiche*, indicando apenas o termo *alçaprema* ou prensa manual. Este autor cita Álvaro Rodrigues de Azevedo, nas notas às *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso, que, em 1872, informa sobre o número, a localização e a força motriz dos engenhos existentes na ilha: 7 fábricas a vapor, 9 engenhos movidos a água e alguns pela força de bois. Como podemos ver, existiam engenhos movidos por animais, no século XIX, mas já não eram denominados *trapiches*.

A palavra *trapiche* fixou-se, na ilha da Madeira, como topónimo, correspondente ao nome de uma localidade da freguesia de Santo António, no Funchal, onde teria existido, antigamente, um trapiche ou moinho de açúcar movido por animais, que teria dado o nome ao sítio. Como neste local foi instalada a Casa de S. João de Deus para doentes mentais, a palavra *trapiche* adquiriu o significado novo de casa dos loucos (confirmado pela expressão insultuosa: "vai para o trapiche").

Hoje, no Engenho da Calheta, a palavra *trapiche* ainda sobrevive na expressão *trapiche de moagem* (talvez por ser um engenho pouco mecanizado que conserva técnicas antigas de transformação da cana), designando o conjunto dos moinhos de moer a cana-de-açúcar, embora esta expressão seja praticamente desconhecida, em toda a ilha da Madeira.

Ao realizarmos inquéritos lexicais, na ilha da Madeira, sobre a produção açucareira, testámos com os informantes uma lista de palavras históricas do açúcar, incluindo a palavra *trapiche*, para verificar a sua vitalidade. A quase totalidade dos informantes apenas identificou a palavra *trapiche* com a casa dos loucos, pois o seu significado primitivo, moinho de açúcar movido por animais, é completamente desconhecido. Apenas um informante do Porto da Cruz, dono de um moinho caseiro de moer cana, disse chamar ao seu engenho *trapiche*, porque ao visitar o Engenho da Calheta aprendeu esse termo. Um outro informante, dos Canhas de Baixo, que esteve emigrado na Venezuela, identificou a palavra *trapiche* como engenho de açúcar, na América. Esta informação remete-nos para o estudo da palavra *trapiche* nas outras regiões açucareiras do Atlântico, que receberam a cultura do açúcar, directa ou indirectamente, da Madeira.

A palavra *Trapiche* no Atlântico: Canárias, Cabo Verde, S. Tomé e Brasil

Antes de chegar à América, a palavra *trapiche* foi transplantada para Canárias, Cabo Verde e S. Tomé, onde se fixou

no léxico comum e na onomástica, e destas ilhas atlânticas partiu para a América, conservando o significado primitivo e adquirindo novos significados.

Corominas⁶ diz-nos que a palavra *trapiche* com o significado de engenho de fazer açúcar tem uma grande extensão na América: Cuba, América Central, Colombia, Venezuela, Peru, Bolívia, Paraguai, e que a forma portuguesa *trapiche* do Brasil teria surgido do castelhano, pois não se encontra em Portugal nem na Galiza. Este autor, embora refira a vinda de mestres de açúcar da Sicília para a ilha da Madeira⁷, parece desconhecer a existência do termo *trapiche* na Madeira, em Cabo Verde e em S. Tomé. A palavra *trapiche*, embora apresente a forma castelhana, teria passado para a América através da língua portuguesa, directamente da Madeira, Cabo Verde e S. Tomé ou, indirectamente, através de Canárias.

Hoje, em Canárias, tal como na Madeira, a palavra *trapiche* só existe como topónimo, pois já não existem moinhos de açúcar movidos por animais, mas apenas uma fábrica de aguardente, rum, álcool e licores em Arucas. Ao contrário da maior parte dos termos da produção açucareira, que em Canárias são portuguesismos, a palavra *trapiche* é uma forma castelhana, mas é provável que esta palavra tenha passado da Madeira para Canárias, tal como a palavra *engenho*⁸.

Em Cabo Verde, António Correia e Silva⁹, no seu estudo económico sobre o início da colonização do arquipélago, refere a existência de *escravos trapicheiros* entre outros artesãos de diferentes sectores económicos. Trata-se de escravos que faziam mover e trabalhavam nos trapiches de açúcar. A expressão *engenho trapiche de fazer açúcar* surge num documento de 1540: «E nesta dita fazenda está uma Ermida da Santíssima Trindade e dentro nesta fazenda estão dois *engenhos trapiches de fazer açucares* com todo cobre e mais cousas necessarias aos ditos engenhos e dentro na dita fazenda suas casas de morada e casa d' engenhos e de purgar e de pilheiras e tres tanques d' agua de pedra e cal»¹⁰. É curioso notar que os moinhos de espremer cana, neste documento de Cabo Verde, surgem designados por uma expressão composta pelos termos *engenho* e *trapiche*, associando o termo do moinho movido por animais ao termo do moinho movido pela força da água, com a especificação *de fazer açúcar*. O termo *trapiche* parece indicar que se trata de moinhos de cana-de-açúcar movidos por escravos ou por animais.

Hoje, em Cabo Verde, a palavra *trapiche* continua a existir, designando o moinho da cana-de-açúcar movido por animais. A expressão *curral do trapiche* ou *terreiro do trapiche*

⁵ Cf. SILVA, F. A. da, *Elucidário Madeirense*, vol. I, Funchal, 1921: 347-349.

⁶ Cf. COROMINAS, Joan, *Diccionario Critico Etimologico Castellano e Hispánico*, vol. V, 1980-1983: 602-604.

⁷ COROMINES, Joan, *Diccionari etimològic i complementari de la llengua catalana*, vol. viii, Curial Edicions Catalanes, Barcelona, 1992: 776.

⁸ Cf. VIDAL, José Pérez, *Los portugueses en Canarias. Portuguesismos*, Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria, 1991: 225.

⁹ Cf. CORREIA E SILVA, A. "Espaço, ecologia e economia interna". *História Geral de Cabo Verde*, vol. I, Lisboa/Praia, 1991: 179-236.

¹⁰ Documento publicado por Brásio em *Mónumenta Missionaria Africana*, Chancelaria Dom João III, vol. II, doc. 101, de 25 de Junho de 1540: 328-329 (reproduzido por António Correia e Silva 1991: 196).

designa o conjunto espacial que envolve o trapiche, nomeadamente os canaviais, as habitações dos homens e dos animais, o moinho e as casas de transformação do sumo da cana. O termo *trapiche* designava, inicialmente, apenas o moinho ou a casa de moer a cana-de-açúcar que, por constituir o equipamento mais importante, deu o nome a todo o espaço da produção açucareira. Assim, a palavra *trapiche* adquiriu também o significado de armazém, onde se guardam as ferramentas e os produtos do engenho.

Quanto à palavra *almajarra*, em Cabo Verde, designa o pau dos trapiches que é puxado pelos animais para mover o moinho da cana-de-açúcar.

Na documentação de São Tomé, publicada por Brásio, na *Monumenta Missionaria Africana*, não encontramos o termo *trapiche*, mas apenas o termo *engenho*. Vitorino Magalhães Godinho¹¹ diz-nos que, segundo Valentim Fernandes, inicialmente, só se produzia *melaça*, em S. Tomé, depois passou-se a produzir açúcar. Assim, teríamos, inicialmente, apenas moendas movidas a escravos, a bois e, possivelmente, também a água, e só depois teriam surgido as *casas de mielar* e de *purgar* para fabrico do açúcar.

Hoje, em S. Tomé e Príncipe, a palavra *trapiche* apenas existe como designação culta para as moendas de cana-de-açúcar, na produção de aguardente, que se realiza em alambiques.

No Brasil, segundo Magalhães Godinho¹², as fábricas de açúcar eram de vários tipos conforme o tamanho e a força motriz: *engenhos* movidos a água (pequenos, médios e grandes), *trapiches* (geralmente movidos por bois) e *engenhocas* ou pequenos trapiches de rapadura e de aguardente, no Nordeste.

No Brasil e na América, o termo *trapiche* ainda apresenta o significado inicial de moinho de cana-de-açúcar movido por animais, distinguindo-se do engenho movido a água e das grandes usinas. A este significado antigo juntaram-se dois novos significados: armazém e moinho de metais, nas minas. Estes novos significados surgem já no *Vocabulário* de Bluteau¹³, no qual a palavra *trapiche* não designa um engenho de açúcar movido por animais, mas um armazém. Tal como em Cabo Verde, a palavra *trapiche* passa a designar um armazém por extensão do significado do trapiche ao local onde se guardam os instrumentos e os produtos do engenho. Não sabemos se este novo significado terá surgido no Brasil ou se terá sido levado de Cabo Verde para o Brasil. Quanto ao outro significado atribuído à palavra *trapiche* - moinho de metais -, embora pareça uma inovação, trata-se de um significado já conhecido dos celtas e gregos para a metalurgia, na Europa.

António de Moraes Silva¹⁴ define a palavra *trapiche* como pequeno engenho de açúcar movido por animais, citando Fernão Cardim, em *Tratados da terra e gente do Brasil*: «Tornando aos engenhos, cada um deles é uma máquina e fábrica incrível (...) outros não são de água, mas moem com bois e chamam-se trapiches...» e Gilberto Freire, em *Casa Grande e Senzala*:

¹¹ Cf. GODINHO, V. M. *Os Descobrimentos e a economia mundial*, vol. IV, Editorial Presença, s.d.

¹² Cf. Idem, *ibidem*, p. 107.

¹³ Cf. BLUTEAU, *Vocabulário Portuguez e Latino*, vol. VIII, 1712-1728: 252-253.

¹⁴ Cf. MORAES SILVA, *Grande Dicionario da Lingua Portuguesa*, vol. XI, 1789-1813: 153 (10ª ed.).

«...nos engenhos chamados de água e por giros de bestas ou de bois, nos chamados almanjarras ou trapiches». Como podemos ver, o termo *almanjarra* surge, em Gilberto Freire, como sinónimo de *trapiche*. Morais Silva refere ainda o significado armazém de mercadorias (já não, necessariamente, associado a um engenho) para a palavra *trapiche*.

António Geraldo da Cunha¹⁵ assinala que *trapiche*, originalmente, era um engenho de açúcar movido por animais e, hoje, no Brasil, designa um armazém onde se guardam mercadorias, sendo a primeira atestação desta palavra do século XVI. O *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Azevedo e o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de José Pedro Machado definem *trapiche* como brasileirismo ou regionalismo do Nordeste do Brasil, que designa um pequeno engenho de açúcar movido por animais. Estes dicionários, por desconhecimento da documentação e da realidade madeirense, não referem a presença do termo *trapiche* na ilha da Madeira, onde surge a primeira atestação desta palavra, na língua portuguesa, em 1468. Sendo assim, não podemos classificar este termo como brasileirismo, uma vez que a forma *trapiche* passou, directa ou indirectamente, da Madeira para o Brasil e ainda hoje existe, em Cabo Verde e em S. Tomé, com o significado primitivo de moinho de cana-de-açúcar movido por animais.

Pretendemos realizar inquéritos lexicais sobre a produção açucareira em Cabo Verde (nas ilhas de Santiago, de Santo Antão e de São Nicolau), em S. Tomé, e no Nordeste Brasileiro, para verificar a extensão e a vitalidade da palavra *trapiche* e de outros termos históricos do açúcar, que encontramos na documentação primitiva da Madeira, observando em que medida, nestas regiões, ainda se conservam os significados primitivos que se perderam na ilha da Madeira, e se surgiram novos significados para esses termos e novos termos para designar os mesmos conceitos.

A forma *trapiche* é um dos termos históricos da cultura açucareira que apresenta grande extensão e vitalidade, no tempo e no espaço, sendo um bom exemplo de permanência e errância das palavras do açúcar, uma vez que permaneceu com o significado primitivo e, simultaneamente, recebeu novos significados adaptados a diferentes realidades.

Este trabalho mostra-nos a importância do estudo da documentação madeirense para enriquecer a lexicografia portuguesa, antecipando as primeiras atestações de muitas palavras e alterando a classificação das palavras consideradas brasileirismos, por serem termos que surgem na documentação primitiva da Madeira e que existem em Canárias, Cabo Verde, S. Tomé e na América. A terminologia da cultura açucareira constitui, assim, um importante elemento de unidade cultural atlântica.

¹⁵ CUNHA, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Editora Nova Fronteira, 1992: 784.

Bibliografia

Estudos históricos e linguísticos

BARCELÓ, C. e LABARTA, A. 1990. «La industria azucarera en el litoral valenciano y su léxico (siglos XV-XVI)», *Actas del Segundo Seminario Internacional La caña de azúcar en el Mediterráneo*. Motril. Casa de la Palma. pp. 73-94.

BRÁSIO, António. 1952-1991. *Monumenta Missionaria Africana. África Ocidental*, vols. 1-11. Lisboa. Agência Geral do Ultramar.

FILIFE, Carlos Mattoso. 1989. «Quando se fala de açúcar», *Portugal no Mundo* (Dir. Luís de Albuquerque), vol. III. Lisboa. Alfa: 223-233.

GODINHO, Vitorino Magalhães. 1963-1971. *Os descobrimentos e a economia mundial*, vol. IV. Lisboa. Editorial Presença. 2ª edição. s.d.

HENRIQUES, Isabel Castro. 1985. «O ciclo do açúcar em São Tomé nos séculos XV e XVI», *Portugal no Mundo* (Dir. Luís de Albuquerque), vol. I. Lisboa. Alfa: 264-280.

SILVA, António Correia e. 1991. «Espaço, ecologia e economia interna», *História Geral de Cabo Verde* (Coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos), vol. I. Lisboa/Praia: 179-236.

SILVA, Fernando Augusto da e MENEZES, C. A. 1921. *Elucidário Madeirense*, vol. I. Funchal. Tipografia Esperança.

SILVA, Fernando Augusto da. 1934. *Dicionário Corográfico do Arquipélago da Madeira*. Edição do Autor. Funchal.

TRASSELLI, C. 1955. «Produzione e commercio dello zucchero in Sicilia dal XIII al XIX secolo», *Economia e storia*, 3. Roma: 325-342.

TRASSELLI, C. 1982. *Storia dello zucchero siciliano*. Caltanissetta-Roma.

VIDAL, José Pérez. 1991. *Los portugueses en Canarias. Portuguesismos*. Ediciones del Cabildo Insular de Gran Canaria.

Dicionários

BLUTEAU, D. Raphael. 1712. *Vocabulario Portuguez e Latino* (autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses e latinos e oferecido a el Rey de Portugal D. João V). 10 vols. Coimbra.

CARACAUSI, G. 1993. *Dizionario onomastico della Sicilia. Repertorio storico-etimologico di nomi di famiglia e di luogo*. 2 vols. Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Palermo.

COROMINAS, J. e PASCUAL, A. 1980-1983. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano y Hispánico*, 5 vols. Madrid. Ed. Gredos.

COROMINES, Joan. 1983-1992. *Diccionari etimologic i complementari de la llengua catalana* (amb la colaboració de Joseph Gulsoy i Max Cahner); 8 vols. Curial Edicions Catalanes. Barcelona.

CUNHA, A. Geraldo da. 1982. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro.

MACHADO, J. P. 1956-1959. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2 vols. Lisboa.

MACHADO, J. P. 1984. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols. Lisboa. Horizonte. Confluência.

MORAES SILVA, Antonio de. 1813. *Diccionario da Lingua Portuguesa* (recopilado dos vocabulos impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro). 2 vols. Lisboa. Typographia Lacerdina.

NASCENTES, A. 1932. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, 2 vols. Rio de Janeiro. Livraria São José.

VIEIRA, Dr. Frei Domingos. 1871-1874. *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*. 5 vols. Porto.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de. 1798-1799. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. (Edição crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo por Mário Fiúza). 2 vols. Porto-Lisboa. Livraria Civilização.